

UMA DESCONSTRUÇÃO DO SILENCIAMENTO: A VOZ COMO UMA FERRAMENTA POLÍTICA

JANAIZE BATALHA NEVES¹ MARCIO CAETANO²

¹Universidade Federal de Pelotas – janabneves@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mrvcaetano@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Se é que existe reencarnação, eu quero voltar sempre preta.

(Carolina de Jesus, 1963, p. 58).

Sempre que tenho a oportunidade de realizar alguma pesquisa, algum estudo, minha escolha não têm como ser outra, se não o eixo: Raça, gênero, classe. Neste momento dentro da academia em leituras nas quais me debruço, me sinto atravessada por diversas produções, as discussões acerca das especificidades das mulheres negras, das subjetividades e da interseccionalidade a qual somos submetidas, me faz pensar meu lugar dentro da sociedade, esta que se mostra racista, sexista, machista e patriarcal, trazendo em seu âmago uma herança colonial, que insiste em nos colocar como sujeitos subalternizados. Me faz como pesquisadora negra, produzir estudos que estejam intrinsecamente ligados à minha existência, reverberando assim a importância das produções onde podemos contar nossa própria história, valorizar nossos saberes, nossa cultura, tensionar todas as especificidades que o povo negro traz consigo, neste trabalho com um recorte especificamente com as mulheres negras.

A permissão e a manutenção de um sistema patriarcal, faz com que o modelo europeu seja estabelecido como padrão, tanto de beleza bem como sendo o detentor do conhecimento, somado a uma sociedade escravocrata, deixando assim a população negra à margem da sociedade, sujeitos silenciados e o apagamento de suas narrativas de vida.

Precisamos dentro do mundo academicista fomentar a publicização do conhecimento produzido por teóricas negras, levar para além dos muros da universidade uma circularidade de conhecimentos e saberes, tensionando assim uma desconstrução nos moldes eurocêntrico, construindo através destas produções acadêmicas uma construção epistemológica decolonial.

Como fundamentação teórica trago, LORDE Audre (1977), HOOKS bell (2019), onde terei aporte teórico para discussões sobre gênero e raça e neste trabalho especificamente a importância da fala, como instrumento de ação, saliento que os nomes das autoras trago com nome e sobrenome para demarcar que se trata de teóricas mulheres.

2. METODOLOGIA

O trabalho é ancorado com a fundamentação de intelectuais que debatem sobre as interseccionalidades da população negra, através do ativismo, bem como de escritas que corroboram com a luta pelos direitos da população negra.

A escritora feminista, ativista dos direitos civis e homossexuais, norte americana com descendência caribenha Audre Lorde, em seus textos aborda as questões sobre racismo, feminismo, opressão e mulherismo. Numa perspectiva revolucionária ela aborda a sexualidade no liberalismo social. Em 1977 publica um texto onde ela tensiona a transformação do silêncio em linguagem e ação, a escritora nos leva a refletir sobre a importância e o quanto se faz necessário verbalizar nossos sentimentos, lutas, anseios e medos, mesmo de que num primeiro momento esse posicionamento seja rejeitado, ou mal interpretado, assim reafirmando a importância de falar, Audre diz:

Que palavras ainda lhes faltam? O que necessitam dizer? Que tiranias vocês engolem cada dia e tentam torná-las suas, até asfixiar-se e morrer por elas, sempre em silêncio? Talvez para algumas de vocês hoje, aqui, eu represento um de seus medos. Porque sou mulher, porque sou negra, porque sou lésbica, porque sou eu mesma – uma poeta guerreira Negra fazendo seu trabalho. Pergunto: vocês estão fazendo o seu? (LOURDE, 1977).

Nesta narrativa a escritora nos faz refletir do quanto aguentamos, do quanto suportamos caladas, ou na tentativa de superar todas as opressões, o quanto isso se torna prejudicial e o quanto isso que suportamos calado nos mata cada dia um pouco mais. Audre Lorde ainda nos alerta dos gatilhos que podem surgir, nesse processo de linguagem e ação, para além da auto revelação, existe o medo da censura, do desprezo ou até do reconhecimento. Entendo que às vezes permanecer no silêncio é criar uma zona de conforto, onde não tenho atritos, não existe embates, mas, todavia, não é um ambiente verdadeiro.

No silêncio fugimos de nossos medos, guardamos nossa fúria, ainda mais nessa sociedade opressora, que nos silencia a todo momento com atitudes racistas, sexistas, homofóbicas. Enquanto mulheres negras, somos atravessadas por diversas agressões, além de ser mulher, somos negras, assim afirma Audre:

Porque a máquina vai tratar de nos triturar de qualquer maneira, tenhamos falado ou não. Podemos nos sentar num canto e emudecer para sempre enquanto nossas irmãs e nossas iguais são desprezadas, enquanto nossos filhos são deformados e destruídos, enquanto nossa terra está sendo envenenada, podemos ficar quietas em nossos cantos seguros, caladas como se engarrafadas, e ainda assim seguiremos tendo medo. (LOURDE, 1977).

A *linguagem em ação* é de extrema importância no que tange ao posicionamento do ser, ao falar, formamos redes de acolhimento, encorajamos, outras semelhantes a dar voz às suas verdades a não se sentir sufocadas com seus anseios e medos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essas leituras me impactam e ao mesmo tempo me acalentam, pois me sinto tocada, por todas as falas destas intelectuais negras, que passaram pelos

mesmos atravessamentos que eu e outras tantas. Sobre a importância da fala enquanto ação, a escritora, feminista, ativista antirracista estadunidense, bell hooks em seu livro *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019), a autora nos chama a atenção da forma a qual fomos criadas, sendo ensinadas para não erguer a voz, não retrucar, não discordar dos mais velhos e muito menos se posicionar, o que estava dito era o certo e ponto final. O ato de discordar significava falta de respeito. Eu particularmente fui criada também desta maneira, era feio se impor, tínhamos que aceitar as coisas independente do querer. Novamente a questão racial se sobrepõe e nos silencia, nos oprime, digo isso porque como mulher negra temos estigmas que nos acompanham, uma delas é de sermos mulheres raivosas, topetudas, barraqueiras, mal-educadas, reverberando essa escrita bell hooks diz:

Enfrentar o medo de se manifestar e, com coragem, confrontar o poder continua a ser uma agenda vital para todas as mulheres. Minhas ancestrais mais velhas me deram o importante presente da fala contundente. Elas foram mulheres corajosas, de visão e propósito. Desejando se encaixar nas noções machistas mais convencionais sobre o papel adequado da mulher na vida, Rosa Bell, minha mãe, não foi uma mulher de fala corajosa. Ela se esforçava em ser vista, não ouvida, e quando falava era para dizer as palavras certas. Quando ficou nítido que eu, sua terceira filha, queria me tornar uma mulher de fala corajosa, mamãe fez tudo que pôde para me silenciar. Quando eu erguia a voz, era punida. (HOOKS, 2019, p. 18).

Ser mulher nesta sociedade, sexista, patriarcal e racista não é nada fácil, ser mulher negra e oriunda da periferia é um fardo muito pesado, tentamos enfrentar e superar cada ato que nos cala, que nos oprime, que nos tortura. Erguer a voz ou transformar o silêncio em linguagem em ação, mesmo que necessário não se torna um processo fácil de construção, tendo em vista que, uma longa desconstrução precisa ser processada e nessa caminhada de aprender a se posicionar, falar, mexer nas dores e traumas que nos acompanham em toda uma trajetória de vida.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista toda a discussão apresentada, nos faz pensar que ainda há muito a ser feito, frente a todas as dificuldades e obstáculos que enfrentamos, nesta sociedade que insiste em manter seu colonialismo imperando, porém todavia, muitas produções no campo epistemológico estão sendo produzidas, com o intuito de construir pensamentos decoloniais, trabalhos que inspirem e possam ser fonte para futuros estudos, com o objetivo de que num futuro não muito distante, nossas próximas gerações possam ter uma perspectiva de vida mais igualitária, com respeito e reconhecimento de seus saberes e conhecimento. Que não haja opressores e nem silenciamentos, que a boca possa falar, aquilo que o coração sente e que a voz seja de fato ouvida, que na voz de uma, outras tantas se sintam representadas, usemos nossa voz como uma ferramenta política, como um ato de resistência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOOKS, B. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 9. ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1963.

LORDE, A. **A transformação do silêncio em linguagem e ação**. Comunicação de Audre Lorde no painel “Lésbicas e literatura” da Associação de Línguas Modernas em 1977. Acesso em 20/05/2022. Online. Disponível em:

<http://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/> .